

A bela e a fera, ou a ferida grande demais, 1977

Ela sai do salão de beleza, o motorista demora ainda para chegar. Fica parada na calçada, pensando em sua beleza, em sua singularidade. Era de família tradicional.

Um mendigo sem uma perna se aproxima, pede esmola. Ela fica chocada com aquele homem, alguém "de espécie diferente da dela". Não sabe quanto dar de esmola, não está acostumada a mexer com dinheiro. Dá-lhe a única nota que tem: 500 cruzeiros.

Pensa em como a ferida da perna daquele homem era o que lhe garantia o sustento.

Começa a pensar, mas como não estava acostumada a fazê-lo, seus pensamentos de início são tolos.

Pensa em "justiça social", "que morram todos os ricos". "Mas quem daria dinheiro aos pobres?"

Tem vontade de "matar todos os mendigos do mundo" para poder usufruir em paz o seu "bem-estar".

Ela pensa em sua vida de festas e jantares, em como teria sido diferente sem a sua beleza que lhe rendeu o marido rico, seu segundo marido.

"Tomava plena consciência de que até agora fingira que não havia os que passam fome, não falam nenhuma língua e que havia multidões anônimas mendigando para sobreviver. Ela soubera sim, mas desviara a cabeça e tampara os olhos. Todos, mas todos – sabem e fingem que não sabem."

Ela percebe-se uma mendiga também: de amor do marido, do amor de Deus.

"Há coisas que nos igualam".

"[...] eram iguais porque havia nascido e ambos morreriam."

Percebe que até ali sua vida era como uma mentira. "Ter uma ferida na perna – é uma realidade".